

AS MUTAÇÕES



As mutações

Jorge Comensal

*Tradução de
Silvia Massimini Felix*



PRIMEIRA PARTE



*E você tem a incômoda sensação
de que nas palavras cruzadas se infiltrou uma errata
que as torna insolúveis.*

ROSARIO CASTELLANOS



1

De pé diante do espelho, Ramón abriu a boca como um babuíno furioso se observando. Tentava olhar a própria garganta, mas a luz fraca do banheiro de La Montejo, sua cantina preferida, não conseguia iluminar o local onde sentia uma dor aguda, ardente, prima rica da cólica biliar. Ao fechar a boca, percebeu que aquela dor o impediria de comer o sanduíche de *cochinita pibil*¹ que tinha pedido. Arrumou a gravata com raiva, virou as costas para o próprio reflexo e saiu do banheiro. Na mesa, um cliente o aguardava para celebrar o desfecho favorável de um processo administrativo. Ramón chamou o garçom e pediu que embalasse o sanduíche para viagem e trouxesse uma sopa cítrica. Falar lhe causava espasmos incômodos na língua. Teria de ser econômico com as palavras e indulgente com o triste caldo que lhe serviram.

Antes de começar a comer, o cliente ergueu o copo de tequila para brindar pela vitória no tribunal. Ramón o acompanhou, dizendo “Saúde” sem saber que, na manhã seguinte, acordaria com a língua paralisada, incapaz de articular as consoantes necessárias para pronunciar novamente essa palavra auspiciosa.

Carmela, sua esposa há vinte anos, alarmou-se ao ouvi-lo dizer “eu uio ió a íua” e, em vez de lhe dar uma colher de xarope para tosse, como fizera no dia anterior, marcou uma consulta de emergência com o médico da família, a quem costumava levar Mateo e Paulina, seus

1 Prato tradicional da culinária mexicana, feito com carne de porco marinada em suco cítrico, depois cozida lentamente — em geral desfiada. [N. T.]

filhos adolescentes, quando estavam com gripe forte ou precisavam de um atestado para faltar à escola.

— Pelo que a senhora me conta — disse o médico —, pode ser uma pequena inflamação da tireoide. Você tem sentido formigamento nas mãos ou nos pés?

Ramón negou com a cabeça.

— Ok. Vamos examinar a região.

O otorrinolaringologista pegou uma lanterninha e a prendeu na testa com tiras elásticas.

— Abra a boca bem grande — o médico, acostumado a lidar com crianças resfriadas, falava com uma jovialidade que Ramón achava humilhante. — Isso. Muito bem.

Então o babuíno reapareceu, e o médico sondou suas fauces abertas com um palito que, ao tocar o órgão paralisado, se transformou numa arma de eletrochoque. Ramón sentiu como se examinassem sua língua com picadores de gelo. Pensou nos métodos usados pela polícia para interrogar suspeitos e soube que, naquelas circunstâncias, teria confessado qualquer coisa para acabar com a tortura — fosse verdade (que sempre sentiu atração por sua cunhada Angélica) ou mentira (que matou Luis Donaldo Colosio). Mas o médico procurava um segredo que Ramón não podia confessar.

— Temos uma inflamação um pouco estranha — concluiu, depois de retirar o palito de língua. — Vamos fazer um ultrassom pra ver melhor do que se trata.

O médico acrescentou que os sintomas poderiam se dever a uma sialolitíase, uma infecção causada por um cálculo mineral preso num ducto de saliva. Perderam três semanas tentando confirmar esse diagnóstico. Enquanto isso, o suposto sialólito cresceu e inflamou a língua num ritmo insólito. Ao perceber isso, o médico encaminhou o paciente ao dr. Joaquín Aldama, “um oncologista com muita experiência”.

A ideia de consultar um oncologista angustiava mais Ramón e Carmela do que estavam dispostos a admitir. Sofriam essa angústia em silêncio. Embora tentassem não dar importância à consulta marcada para o dia 4 de dezembro, decidiram não explicar nada aos filhos, que estavam em período de exames. Mateo cursava o último ano do ensino médio e Paulina, o primeiro. Enquanto ele se esforçava, dentro

dos limites de sua indolência nata, para passar nas quatro matérias que costumava reprovar — matemática, química, física e história —, ela aspirava à excelência para vencer seu único rival acadêmico, o pequeno e arrogante Jesús Galindo. Ambos, concentrados em cumprir suas metas escolares sem renunciar à masturbação e ao karaokê, seus respectivos passatempos, estavam alheios à aflição dos pais.

No escritório Martínez e Associados, a firma de advocacia de Ramón, as pendências iam se acumulando. Havia assuntos que só o advogado poderia resolver, principalmente aqueles que exigiam ser lubrificados com álcool. Mario Enrique López, dono da imobiliária Sagitario, tinha o costume de não tomar decisões sem antes beber pelo menos meia garrafa de rum. As relações públicas do escritório dependiam completamente do carisma e da eloquência do advogado Martínez, mas a atrofia de sua língua estava sabotando essas qualidades. Ao ouvir sua própria voz, Ramón sentia que um ladrão surdo-mudo tinha roubado seu corpo, e ao se olhar no espelho se deparava com um rosto mais gordo que o habitual, carrancudo e amargo, com a boca cheia de bolo.

Incapaz de levantar a voz como de costume, Ramón desabafava ao volante, fazendo seu carro vociferar por ele. Apunhalava a buzina para apressar motoristas distraídos nos semáforos, para afugentar pedestres com reumatismo ou simplesmente para bradar sua frustração na hora de pico do trânsito. O som estridente e desbotado da buzina era um lembrete cruel de que não estava ao volante do poderoso veículo alemão que sempre almejou, mas da cópia japonesa com quatro cilindros e bancos de couro sintético.

Na sexta-feira, 15 de dezembro, terminou o período mais intenso da espera, depois de se submeter a uma dolorosa biópsia na qual lhe extraíram alguns milímetros da língua com uma agulha grossa. No subsolo do hospital, uma equipe de patologistas analisou as células com diversos antígenos e colorações para revelar sua natureza à luz do microscópio. O laudo já havia sido enviado ao consultório do oncologista. Lá esperava, num envelope lacrado, que o doutor interpretasse os resultados na presença do paciente. Para isso ainda faltavam várias horas.

Chegaram cedo à consulta. Sentaram-se ao lado do enorme aquário que decorava a sala. Carmela pegou uma revista e começou a folheá-la. Ramón cravou o olhar no aquário e passou a refletir sobre os efeitos negativos de seu recente absenteísmo no trabalho. Considerou necessário presentear seus clientes com cestas de Natal para recompensá-los pela paciência e fidelidade ao escritório. Ramón se destacava pelo bom trato com os clientes, a quem conquistava com uma equilibrada mistura de lisonja e irreverência. Além disso, não era hipócrita, oportunista nem corrupto; operava sempre em estrita conformidade com as leis que podiam ser cumpridas — os códigos locais e federais estavam repletos de lacunas e inconsistências que nem o mais santo dos juristas conseguiria contornar sem controvérsias. Ramón tinha certeza de que, graças à sua impecável trajetória, sua reputação não seria afetada por essa má fase de saúde.

O aquário distraiu Ramón de suas preocupações. Havia uma dúzia de peixes coloridos que nadavam em circuitos acima das rochas e corais. Era uma dança hipnótica. Como poderia haver tanta variedade decorativa nos mares? Os biólogos atribuíam isso à seleção natural, uma força lenta e aleatória que ia remodelando pouco a pouco a forma de todos os animais e que era capaz de transformar monstruosos dinossauros em galinhas indefesas. Cada frango assado era um triste lembrete das voltas que a vida dá.

Carmela interrompeu suas reflexões com um cotovelo amistoso.

— Olhe — disse, mostrando uma revista aberta na imagem de um jovem casal posando diante de um castelo. — Lembra?

Ramón assentiu. Recordava sua lua de mel pela França. Carmela virou a página. Apareceram os mesmos personagens da foto anterior, mas agora seminus, tomando sol na cobertura de um iate. Segundo a legenda, tratava-se de nobres espanhóis em sua lua de mel. Achava a nobreza de um atavismo repugnante.

Ramón e Carmela tinham se conhecido vinte anos atrás, diante de uma mesa de petiscos. Ele reparou nela desde que chegou à festa de aniversário de Luis, seu amigo da faculdade de Direito. Com um copo na mão, aguardava o momento oportuno para abordá-la. Quando a viu se afastar dos amigos e caminhar até a mesa, Ramón avançou.

— Já provou os *sopes*² de chouriço? — perguntou num tom amigável, convencido de que a melhor maneira de quebrar o gelo era pelo apetite.

Havia duas possibilidades: que ela já tivesse provado os *sopes* de chouriço ou não; o vegetarianismo era tão raro naquela época que não precisava ser levado em conta. As duas possibilidades se dividiam em quatro respostas possíveis: se ela respondesse que já havia provado e que estavam bons, o flerte poderia continuar agressivamente; se já os tivesse provado, sem mais comentários, Ramón deveria avançar com cautela; se não os tivesse provado e preferisse não fazê-lo, a missão deveria ser abortada; mas se não os tivesse provado e fosse servir-se de um, o sucesso estaria quase garantido. Ramón acreditava ter sob controle todos os mundos possíveis, mas não previra que ela responderia de forma analítica:

— Sim. O chouriço está bom, mas os *sopes* não.

— Ah, é? — perguntou Ramón, atordoado.

— Parecem chiclete — explicou ela.

— Vamos ver — disse ele, com o orgulho ferido —, vou comer outro pra conferir.

— Confira — concluiu ela, virou-se e foi para outro canto da festa.

Ramón ficou sozinho com um prato descartável cheio de petiscos mexicanos. Caminhou até um ponto estratégico de onde podia ver Carmela, que tinha ido sentar-se com um par de amigas. Sem perdê-la de vista, Ramón enfiou o *sop*e na boca e o mastigou atentamente. Deixou o prato abandonado sobre uma cômoda e se aproximou de onde estava Carmela.

— Com licença — ele a interrompeu. — Queria te dizer que você tem toda a razão. O que aconteceu é que eles esfriaram e já não têm o mesmo sabor. A verdade é que fui eu quem trouxe...

— Ai, me desculpe, não sabia — disse ela, surpresa com aquele jovem que, em vez de chegar à festa com uma garrafa de vodka e um saco de gelo, havia tido o trabalho de levar uma bandeja de *sopes*.

² Prato típico mexicano feito com uma base grossa de tortilha de milho, moldada com bordas levantadas, frita e coberta com ingredientes variados. [N. T.]

— Não, ao contrário, que bom que me disse. Você nem imagina como ficam deliciosos quando acabam de ser feitos. Eu disse ao Luis, que aliás é o meu melhor amigo: “Não se preocupe, eu trago os melhores *sopes* da Cidade do México”.

— Tudo isso?

— Te juro juradinho — disse ele —, mas tem que ser feito na hora.

Ela, que também era advogada e cujo chefe era um notário lúgubre, caiu na gargalhada diante da seriedade com que ele defendia seus *sopes*. O riso espontâneo de Carmela desarmou as estratégias de Ramón. Ficou pasmo com a dupla tirolesa daqueles lábios, com o esqueleto impecável dos dentes, com a sombra ao redor dos olhos egípcios; sentiu uma chama derreter toda a sua compostura, ficou em silêncio, desviou o olhar e o escondeu entre os arabescos do tapete. E agora, o que eu digo? Mas ela:

— Onde você comprou os *sopes*?

— É segredo — respondeu com repentina lucidez.

— Ah, é?

— Nem sei o seu nome.

— Carmen. E o seu?

A partir daquele momento, Ramón não tropeçou mais. Foi cativante e espirituoso. Combinou anedotas engraçadas com perguntas lisonjeiras. Soube conter a verborragia que o caracterizava. Carmela contou sobre seus projetos futuros como advogada cível. Era brilhante. Ele estava tão feliz com ela que nem se atreveu a voltar à mesa dos petiscos, com medo de perdê-la. Apesar do jejum e da sobriedade, saiu extasiado.

Na segunda-feira seguinte, Carmela recebeu um arranjo de rosas no cartório, acompanhado de um cartão de visitas que dizia, com letras elegantes de tipografia: *Dr. Ramón Martínez / Advogado*, e abaixo, escrito à mão, um plágio de Armando Manzanero: “*Quando vejo que as rosas estão mais vermelhas e mais belas, é porque estou pensando em você*”. Ela não reconheceu a citação. Também não se sentiu desconfortável, apesar de sua educação sentimental ter vindo de grupos como Mecano e Presuntos Implicados, situados nas antípodas do bolerista iucateco. Quando Ramón ligou no dia seguinte para saber se ela tinha

recebido as rosas, a voz de Carmela corou ao agradecer. Depois, foi convidada para jantar na sexta-feira à noite. Aceitou.

Ramón chegou pontualmente para buscá-la em casa. Antonia, a mãe de Carmela, abriu a porta e se deparou não com um jovem elegante e cortês, mas com um mestiço. A senhora pertencia ao sub-grupo mais pretensioso da classe média e, como a pele morena de Ramón contrariava suas aspirações racistas, não o convidou a entrar. “Um momentinho”, disse a futura sogra, e deixou a porta encostada diante dele. Estava de pé na calçada, esperando Carmela sair da casa dos pais, quando um casal de idosos entrou com sombria lentidão na sala de espera do consultório.

Os velhos cumprimentaram com familiaridade a secretária do dr. Aldama e se sentaram de frente para Carmela e Ramón. Ao ver com quanta lentidão e cuidado o senhor se sentava, Ramón concluiu que ele sofria de câncer de próstata. Pobre coitado, pensou com empatia, deve ter que sentar para urinar. Preciso começar a ir ao urologista, minha próstata já deve estar crescendo também. É natural. Mas isso de enfiar o dedo... espero que eu não goste.

Que distante estava, naquele momento em que esperava com Carmela para entrar no consultório do oncologista, daquele jovem Ramón que se excitava ao vê-la sair do cartório vestida com um terninho. Depois de dois meses de encontros pudicos, foi ela quem disse: “Vamos pra outro lugar”. Ramón a levou a um motel da Colonia Roma. Despiram-se sem glamour entre os lençóis limpos de uma suíte escura e, enquanto a beijava com toda a ansiedade de seus vinte e oito anos, ouviu a voz aguda da secretária chamando seu nome vinte anos depois, anunciando que finalmente havia chegado sua vez de entrar para a consulta com o dr. Aldama.

2

Teresa de la Vega, psicanalista, atendia pacientes num consultório anexo à velha casa que seus pais lhe deixaram de herança. Aos quarenta e quatro anos, tinha removido as glândulas mamárias, catorze linfonodos, os mamilos e as aréolas. Seu olhar profundo e penetrante era o de alguém que apreciara os frutos da beleza e da inteligência, mas não da felicidade. Seu único casamento, contraído quinze anos antes, terminara dezoito meses depois, devido ao caráter paranoico de seu marido, um psiquiatra viciado em medicamentos, e ao romance prematuro de Teresa com um psiquiatra mais talentoso e atraente que ele. Não tiveram filhos.

Após o divórcio, Teresa continuou se encontrando com seu amante às escondidas, pois ele também era casado. Certa vez, enquanto ele massageava seus seios com veemência, ela sentiu uma das mãos se afastar, assustada, como se tivesse tocado num inseto. O amante continuou, sem voltar a acariciar aquele mamilo. Ela fingiu um orgasmo para terminar mais rápido. Foi ao banheiro e se apalpou diante do espelho. Ao sentir um pequeno nódulo firme, soube que a história se repetia: sua mãe e sua irmã haviam sofrido de câncer de mama. Seu medo da doença era tão grande que, em vez de monitorá-la com exames frequentes e mamografias, ela sempre evitara contato íntimo com os seios. Nunca imaginara que seria um homem com mãos de padeiro vietnamita quem, sem querer, a confrontaria com aquela má sorte cuja origem remontava além das lembranças de sua mãe no hospital — muito além, até as tribos hebraicas de Israel.

Três mil anos antes de Teresa, às margens do Jordão, viveu o ancestral no qual, fosse pastor ou tecelão, guerreiro ou prostituta, ocorreu a mutação fundadora. Talvez durante o segundo período dos Reis, no reinado de Amasias ou Jeroboão.

Quem sabe?

Num instante banal da manhã, enquanto ia ou voltava do poço, orava, cozinhava ou tecia, uma de suas células germinativas começou a se dividir pontualmente. O dia todo copiou seus manuais, seus livros da Lei, a Torá dos genes, e neles deslizou um erro semelhante ao que ocorreria se o escriba do Êxodo tivesse esquecido o “Não” que se destaca no capítulo 20, versículo 13, e o sagrado mandamento dissesse “Matarás”.

A probabilidade de que esse erro se perpetuasse era mínima, pois a célula eucariótica tem mecanismos para reparar seus genes e, se estiverem danificados além do conserto, pode suicidar-se por apoptose, uma morte programada e altruísta. Mas aquela errata bíblica ocorreu justamente num trecho dedicado a impedir que células defeituosas proliferem e formem comunas anárquicas no seio de um corpo imperial. O gene em questão conseguiu transcrever-se à linguagem da ciência em 1990 e foi batizado, sem tato nem criatividade, de *Breast Cancer 1* (BRCA1). A primeira mutação consistiu no desaparecimento de duas letras simples, guanina e adenina, localizadas perto do início do gene complexo. O texto equivocado se perpetuou porque seu hospedeiro teve uma descendência numerosa e dispersa, que chegou ao corpo de uma jovem psicanalista no México.

Quando Nabucodonosor, o Grande, conquistou o reino de Judá, os descendentes do mutante já eram muitos, e vários foram presos e exilados na Babilônia. Assim começou a diáspora do gene defeituoso, Irã, Egito, Ibéria, Holanda, Bulgária; caso se procure entre os sefarditas do mar Egeu ou os asquenazes de Nova York, a errata será encontrada em pelo menos um a cada cem observantes do Shabat.

No entanto, Teresa de la Vega não era judia. Seus pais haviam sido católicos fervorosos, devotos de Guadalupe, nacionalistas e até um pouco antissemitas. Nunca imaginara que em sua árvore genealógica estivessem os primeiros judeus de Castela, imigrantes da época romana, habitantes discretos das cidades, alheios às lutas internas,

vassallos tanto de godos quanto de califas. À margem dos outros, trabalharam. Sabiam ler e escrever. Casaram-se entre si. Acumularam riqueza, tradição e mutações. A inveja amadureceu, e o século XV a viu frutificar. Foram acusados de matar Jesus Cristo, e também de prosperar, de devorar crianças toledanas, de enfeitiçar as virgens de Sevilha, de queimar crucifixos, de ter o nariz grande, de sodomia, de não comer presunto e de associar-se a Lúcifer em negócios usurários.

Em 5252 do calendário hebraico, os reis de Castela e Aragão decidiram expulsar os infiéis. Deram-lhes quatro meses para ir embora ou renunciar ao judaísmo. Entre os pobres conversos, talvez estivesse uma mulher idosa, Lorenza, de Soria, mãe de onze filhos, viúva de Manuel. Próxima dos setenta anos, começou a sentir ardência na ponta caída dos seios. As semanas passaram. O fogo se espalhou para as axilas. Lorenza procurou Hermínia Tavares, uma cristã-nova e curandeira, em busca de um remédio para a dor e o inchaço. Hermínia lhe preparou, por três maravedis a dose, um unguento para curar “maus humores”.

Quando começou a tratar o câncer com aquela pomada de alho e beladona, já havia metástases cerebrais. Lorenza sofria de enxaquecas acompanhadas de alucinações. Procurava na palha de sua cama uma faca para se decapitar. Depois o anjo do Senhor veio açoitá-la por ter traído sua tribo. Gritava, renegando o falso messias: “Tem piedade de mim, Senhor, apaga minhas faltas!”.

Os vizinhos a denunciaram ao Tribunal do Santo Ofício. Marrana possuía pelo demônio, velha pecadora, Deus Nosso Senhor a castigou com um monstro voraz! Seus filhos a levaram para um sítio longe da cidade. Amordaçaram-na. Herminia preparou uma poção de papoula para acalmá-la. No início do inverno, Lorenza morreu. Enterraram-na sob uma tília e rezaram entre sussurros o Kadish.

A família de Lorenza ficou marcada pela suspeita. As pessoas cuspiam ao vê-los passar. Antonio, o caçula, foi o primeiro a partir. Chegou a Cádiz em fevereiro. Nunca tinha estado na costa. O mar lhe pareceu um trigal queimado.

No começo de março, embarcou num dos galeões mais pobres da frota das Índias. Ia rumo à Nova Espanha, onde o ouro e a prata, diziam nas estalagens, brotavam como nabos da terra seca. Passou

quarenta dias em alto-mar, com febres e muita fome. Distraía-se jogando cartas e contemplando os galeões maiores da frota, que iam sem tremor à frente, com as velas inchadas para o poente e um séquito de espuma tumultuosa. Assim sua fantasia, navio carregado de ambição, navegou rumo ao esquecimento de seu sangue. Mas a bordo do galeão ia seu sêmen, suco de memória e mutação.

Antonio desembarcou na Villa Rica de la Vera Cruz. Fugiu da costa insalubre a bordo de uma diligência rumo à capital. Depois de três anos laboriosos, amancebrou-se com uma mestiça, filha natural de um asturiano e de uma mexicana. Meio mundo se anulou naquele encontro de genes provenientes da Judeia, das Astúrias e de Texcoco. Treze gerações depois, o corpo de Teresa o recordou.

Não se deu ao trabalho de cumprir o trâmite supérfluo de consultar o ginecologista. Procurou o número do oncologista que havia tratado sua mãe e ligou para marcar uma consulta. A mamografia foi clara: três adenocarcinomas nos ductos mamários, que nunca haviam tido a trégua da amamentação.

Após uma cirurgia e dez sessões de radioterapia, Teresa voltou a atender. Durante o tratamento, conheceu várias mulheres que lutavam para não sucumbir emocionalmente diante da doença. Ofereceu apoio psicológico gratuito e, assim, começou a se especializar em psicoterapia para mulheres com câncer. De hospital em hospital, espalhou-se a notícia de que Teresa ajudava mulheres em luto pelas perdas femininas causadas pelo câncer.

Alguns homens também começaram a procurá-la. O primeiro, um sobrevivente de câncer no esôfago, precisava de ajuda para largar o cigarro. O segundo havia tentado se suicidar ao receber o diagnóstico de câncer no pênis. O terceiro perdera o irmão gêmeo por um osteossarcoma. Assim, seu espectro de pacientes se ampliou, passando a incluir casos tão diversos quanto leucemias infantis e hipocondrias desencadeadas pela série *Dr. House*. Tentando assimilar a magnitude de sua desgraça, a maioria dos pacientes se perguntava: “Por que eu?”, mas Teresa, que muitos anos antes havia jogado essa pergunta narcisista no lixo, procurava levá-los por outro caminho — ao porão dos desejos insatisfeitos que alimentam o medo de morrer.